



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

ANA RAQUEL MARINHO DE FONTES

**ENTRANDO NO GUARDA-ROUPA DA PSICANÁLISE E SAINDO EM TERRAS
NARNIANAS: UMA ANÁLISE SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA INFÂNCIA
ATRAVÉS DA OBRA *AS CRÔNICAS DE NÁRNIA* (2009)**

**GUARABIRA
2023**

ANA RAQUEL MARINHO DE FONTES

**ENTRANDO NO GUARDA-ROUPA DA PSICANÁLISE E SAINDO EM TERRAS
NARNIANAS: UMA ANÁLISE SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA INFÂNCIA
ATRAVÉS DA OBRA *AS CRÔNICAS DE NÁRNIA* (2009)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Área de concentração: Educação Especial e Inclusiva

Orientadora: Prof. Dra. Jaqueline Leandro Ferreira

**GUARABIRA
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F587 Fontes, Ana Raquel Marinho de.
Entrando no guarda-roupa da psicanálise e saindo em terras narnianas [manuscrito] : uma análise sobre o desenvolvimento da infância através da Obra As Crônicas de Nárnia (2009) / Ana Raquel Marinho de Fontes. - 2023.
46 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Jaqueline Leandro Ferreira, Coordenação do Curso de Pedagogia - CH. "

1. Psicanálise. 2. Fantasia. 3. Infância. 4. As Crônicas de Nárnia. I. Título

21. ed. CDD 150.195

ANA RAQUEL MARINHO DE FONTES

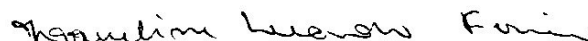
ENTRANDO NO GUARDA-ROUPA DA PSICANÁLISE E SAINDO EM
TERRAS NARNIANAS: UMA ANÁLISE SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA
INFÂNCIA ATRAVÉS DA OBRA AS CRÔNICAS DE NÁRNIA (2009)

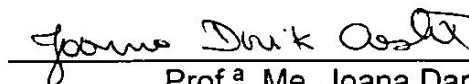
Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento do
Curso de Pedagogia da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial à obtenção do título de
Graduada em Pedagogia.

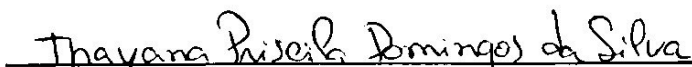
Área de concentração: Educação
Especial e Inclusiva

Aprovada em: 17/11/2023.

BANCA EXAMINADORA


Prof.^a. Dra. Jaqueline Leandro Ferreira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a. Me. Joana Dar'k Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof.^a. Dra. Thayana Priscila Domingos da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico estas palavras aos leitores de *As Crônicas Nárnia*, aqueles que ousam abrir as portas do guarda-roupa e embarcar em uma jornada extraordinária. Vocês são os verdadeiros aventureiros, dispostos a explorar um mundo mágico onde animais falam, o tempo é maleável e a coragem é testada. Que a magia de Nárnia continue a enriquecer suas vidas, lembrando-os de que a imaginação é a chave para os reinos mais profundos da alma. Que Aslam guie cada passo de sua jornada, e que a magia deste lugar eterno permaneça viva em seus corações, como um lampião brilhante em meio às aventuras literárias. Esta dedicatória é para os leitores de Nárnia, os verdadeiros guardiões da magia.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pelo dom da vida, por me guiar e me conceder sabedoria e discernimento, me capacitar e dar forças ao longo desta jornada acadêmica.

À minha amada avó, Maria Marinete Marinho, por seu amor, apoio e sabedoria inestimáveis ao longo de toda a minha vida, vovó a sua força me fez forte.

Aos meus queridos pais, Marilete Marinho de Fontes e Paulo Manoel de Fontes, pela dedicação e incentivo constantes que me permitiram chegar até aqui. Painho, mainha, obrigada por acreditarem em mim.

Às minhas incríveis irmãs, Paula Keylla Marinho de Fontes e Ruth Lays Marinho de Fontes Sales, por serem fontes de inspiração e apoio inabalável, minhas melhores risadas são com vocês. E ao meu cunhado Frank Willians Freitas Sales, por sua amizade e apoio incondicional, você se tornou meu irmão.

À minha sobrinha Yohanna Marinho de Fontes Sales, que trouxe alegria aos meus dias e me motivou a ser um exemplo, me fez reviver a magia da imaginação e relembrar de fantasias antigas.

À minha dedicada orientadora, Jaqueline Leandro Ferreira, que me guiou com paciência, conhecimento e expertise ao longo deste processo de pesquisa, exerceu com maestria seu papel de orientar, com toda leveza e delicadeza do mundo.

À professora mais excepcional que marcou profundamente minha trajetória acadêmica, Joana Dar'k Costa, por sua influência e ensinamentos valiosos. Este trabalho possui seu dna, é fruto das sementes que plantaste nas aulas.

Às minhas queridas amigas e companheiras de curso, Sarah Hellen e Fabrícia Nunes, por compartilharem comigo momentos de estudo, desafios e crescimento, vocês tornaram essa jornada mais leve.

À banca examinadora e avaliadora deste trabalho, composta por Joana Dar'k, Jaqueline Leandro e Thayana Priscila Domingos da Silva, pela contribuição essencial e crítica, foram contribuintes para o meu crescimento.

A todos os meus amigos e colegas que estiveram ao meu lado, compartilhando conhecimento e experiências.

Este trabalho não teria sido possível sem o apoio e contribuições de cada professor que cruzou meu caminho dentro e fora da universidade. Muito obrigada

por fazerem parte da minha jornada acadêmica e por tornarem este trabalho uma realidade.

Sou grata a todos que de alguma forma, direta ou indiretamente, me apoiaram e incentivaram a continuar, este trabalho também é de vocês.

“O mundo da fantasia que oferecemos às crianças pode ser tecido com os mesmos fios da realidade em que vivem os adultos que a criaram.”

(A Psicanálise Na Terra do Nunca)

“Mas tem uma coisa que faço questão de dizer antes de ir: até hoje não acreditava em magia. Agora sei que existe. Sendo assim, acho que os velhos contos de fada são todos mais ou menos verdadeiros.”

(As Crônicas de Nárnia)

RESUMO

Este trabalho analisou o desenvolvimento da infância através dos personagens de *As Crônicas de Nárnia* (2009) sob a perspectiva da psicanálise, explorando principalmente os conceitos de fantasia, *Id*, *Ego* e *Superego* propostos por Sigmund Freud (1923). Os objetivos específicos do presente trabalho consistem em investigar como o desenvolvimento da infância é retratado na obra, identificando as características psicológicas e emocionais dos personagens em diferentes momentos de desenvolvimento; foi dada atenção especial à forma como essas fases influenciam a formação da personalidade e a interação dos personagens com o mundo à sua volta. Além de avaliar o impacto da interação entre os elementos psicanalíticos e a narrativa fantástica na compreensão do desenvolvimento da infância, discutindo então, como esses elementos podem enriquecer a interpretação da obra *As Crônicas de Nárnia* (2009). O estudo também buscou entender como a obra pode ser utilizada como ferramenta pedagógica para a compreensão do processo de desenvolvimento infantil. A escolha desse tema se justifica pela importância de compreendermos o desenvolvimento infantil sob diferentes perspectivas teóricas. A importância dessa obra foi então, analisada sob a perspectiva da psicanálise, permitindo uma compreensão dos processos psicológicos envolvidos no desenvolvimento infantil. Em suma, o trabalho, *Entrando no guarda-roupa da psicanálise e saindo em terras narnianas: uma análise sobre o desenvolvimento da infância através da obra As Crônicas de Nárnia (2009)*, nos revela que esses livros não são apenas uma história de fantasia encantadora, mas também uma rica fonte de insights sobre o desenvolvimento infantil e a psique humana. Através da teoria psicanalítica de Sigmund Freud, fica perceptível que os personagens fictícios da trama passam por desafios da vida real, essa perspectiva de identificação influência e auxilia no desenvolvimento infantil, os mesmos, aprendem na fantasia sobreviver na realidade.

Palavras-Chave: Psicanálise; Fantasia; Infância; *As Crônicas de Nárnia*.

ABSTRACT

This work analyzed childhood development through the characters of "The Chronicles of Narnia (2009)" from a psychoanalytic perspective, primarily exploring the concepts of fantasy, Id, Ego, and Superego proposed by Sigmund Freud (1923). The specific objectives of this paper were to investigate how childhood development is portrayed in the work, identifying the psychological and emotional characteristics of the characters at different stages of development. Special attention was given to how these stages influence the formation of personality and the characters' interaction with the world around them. In addition to evaluating the impact of the interaction between psychoanalytic elements and the fantasy narrative on understanding childhood development, the study discussed how these elements can enrich the interpretation of "The Chronicles of Narnia (2009)." The research also sought to understand how the work could be used as a pedagogical tool for comprehending the process of child development. The choice of this theme was justified by the importance of understanding child development from different theoretical perspectives. The significance of this work was then analyzed from a psychoanalytic perspective, allowing an understanding of the psychological processes involved in child development. In summary, the paper, "Entering the Wardrobe of Psychoanalysis and Stepping into Narnian Lands: An Analysis of Childhood Development through 'The Chronicles of Narnia (2009),' reveals that these books are not just a charming fantasy story but also a rich source of insights into childhood development and the human psyche. Through Sigmund Freud's psychoanalytic theory, it becomes evident that the fictional characters in the plot undergo real-life challenges. This perspective of identification influences and aids in childhood development, as they learn in fantasy to navigate and survive in reality."

Keywords: Psychoanalysis; Fantasy; Childhood; The Chronicles of Narnia.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 –	O guarda-roupa que abre as portas para Nárnia	20
Figura 2 –	Escapando entre os casacos e entrando em Nárnia	26
Figura 3 –	Manjar turco e o trenó da feiticeira	30
Figura 4 –	Susana e Pedro conversando com o professor	34
Figura 5 –	A espada do rei Pedro	38

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO	15
2.1	<i>Metodologia</i>	15
2.2	<i>Fundamentação Teórica</i>	15
3	A FANTASIA NO DIVÃ DA PSICANÁLISE	20
3.1	<i>A Psicanálise, o Inconsciente e o Guarda-Roupa</i>	20
3.2	<i>Perdida no guarda-roupa dos casacos: o escapismo de Lúcia</i>	26
3.3	<i>Edmundo e o manjar turco: a fome do id</i>	30
3.4	<i>Um simples guarda-roupa de madeira: o amadurecimento precoce de Susana</i>	34
3.5	<i>Pedro e a espada suja de sangue: a jornada do herói</i>	38
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
5	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

1 INTRODUÇÃO

As Crônicas de Nárnia são uma série de sete livros escritos pelo autor britânico Clive Staples Lewis. Publicada entre 1950 e 1956, a série se tornou um clássico da literatura infantojuvenil e é adorada por leitores de todas as idades. Cada livro apresenta uma história independente, mas há uma progressão cronológica nos eventos e personagens que aparecem. As histórias incluem batalhas épicas, encontros com feiticeiras, príncipes encantados, animais falantes e a luta entre o bem e o mal (Lewis, 2009).

A história começa com o livro *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* (2009). Quatro irmãos - Pedro, Susana, Edmundo e Lúcia - são evacuados de Londres durante a Segunda Guerra Mundial e vão morar na casa de um professor no campo. Enquanto brincam na casa, Lúcia entra em um guarda-roupa mágico e descobre um mundo encantado chamado Nárnia. Eventualmente, seus irmãos descobrem o mesmo segredo e juntos eles embarcam em uma aventura em Nárnia. Ao longo dos livros, as crianças deparam-se com várias criaturas míticas e personagens mágicos. Durante a série, os personagens amadurecem e aprendem importantes lições morais e pessoais. *As Crônicas de Nárnia* (2009) exploram temas como lealdade, coragem, perdão, sacrifício, amadurecimento e redenção. A série é conhecida por explorar a imaginação, contendo uma narrativa envolvente e alegorias que são entrelaçadas na história.

No mundo de *As Crônicas de Nárnia* (2009), o guarda-roupa serve como um portal para um reino mágico, onde a realidade cotidiana se mistura com elementos fantásticos. Na psicologia freudiana, a mente humana também pode ser vista como um local onde diferentes instâncias psicológicas coexistem de forma dinâmica, o Id, o Ego e o Superego. O guarda-roupa é como uma metáfora para o acesso ao inconsciente, onde desejos, traumas e fantasias estão ocultos. Assim como o guarda-roupa leva a Nárnia, o inconsciente, de acordo com Freud, é um espaço onde nossos desejos, pensamentos e emoções mais profundos se manifestam de maneira simbólica e muitas vezes fantástica. Nesse espaço, os eventos podem ser reinterpretados e transformados em símbolos, da mesma forma que Nárnia é um mundo onde os personagens vivenciam aventuras simbólicas.

Dessa forma, *As Crônicas de Nárnia* (2009) são apreciadas por sua capacidade de encantar e inspirar os leitores, além de fornecer reflexões sobre

valores e questões morais, estas, próprias da inserção dos indivíduos no social, segundo a psicanálise freudiana. A série continua sendo um tesouro literário e uma fonte de imaginação e inspiração para muitos leitores em todo o mundo.

Para analisarmos *As Crônicas de Nárnia* (2009) entendemos que a Psicanálise pode auxiliar-nos a desvendar algumas simbologias presentes no livro. Nesse sentido, pode-se analisar como os personagens principais enfrentam desafios e superam obstáculos para alcançar a maturidade psicológica e como suas experiências se encaixam em diferentes momentos do desenvolvimento humano.

Em primeira análise, a Teoria da Psicanálise é uma abordagem do campo da psicologia desenvolvido por Sigmund Freud que buscou compreender o funcionamento da psíquico da mente humana. Entre os conceitos fundamentais da psicanálise, destacam-se a fantasia, o inconsciente, o *id*, o *ego* e o *superego*. A fantasia, refere-se a um aspecto da vida psíquica em que ocorrem representações mentais de desejos, situações ou eventos que podem ser reais ou imaginários (Freud, 1906). As fantasias desempenham um papel importante no desenvolvimento e no funcionamento da psique humana, influenciando nossos pensamentos, emoções e comportamentos. O inconsciente é uma instância da mente que contém pensamentos, memórias e desejos que não estão conscientemente acessíveis. Segundo Freud (1900) muitos dos nossos processos mentais ocorrem no nível inconsciente e podem influenciar nossas experiências conscientes e comportamentos sem que tenhamos plena consciência disso.

Ainda sobre esse prisma, o *id*, o *ego* e o *superego* são três dimensões do funcionamento psíquico propostos por Freud, fazem parte, assim, da chamada segunda tópica freudiana. O *id* é a parte mais primitiva e inconsciente do sujeito, regido pelo princípio do prazer. Ele busca a satisfação imediata dos impulsos e desejos básicos, como a fome, o desejo sexual e a agressão. O *ego* é o componente da personalidade que lida com a realidade e busca equilibrar as demandas do *id* com as demandas do mundo externo, é ele permeado pelo social e suas demandas. Ele age de acordo com o princípio da realidade, considerando as consequências das ações e buscando formas socialmente aceitáveis de satisfazer os desejos. O *superego* é a instância de vigilância, autopunitiva e que exprime, por vezes, aspectos pertinentes a repressão, que incorpora os valores e normas sociais internalizados através do dispositivo do recalque. Ele representa os ideais e padrões que adquirimos ao longo do desenvolvimento, como a consciência e o senso de

culpa. O *superego* age como uma voz crítica que avalia e julga as ações do *ego* (FREUD, 1923).

De acordo com Freud (1923) o conflito entre o *id*, o *ego* e o *superego* é uma parte estrutural do desenvolvimento humano a partir da inscrição do sujeito na cultura, podendo levar a distúrbios psicológicos quando há um desequilíbrio ou conflito excessivo entre essas instâncias. Em resumo, a teoria psicanalítica de Freud aborda a importância da fantasia, do inconsciente e das diferentes dimensões psíquicas (*id*, *ego* e *superego*) na compreensão da mente humana. Esses conceitos fornecem uma base para entendermos os processos mentais, os conflitos internos e o desenvolvimento psicológico.

Levando tais aspectos teóricos em consideração, o presente trabalho irá analisar o desenvolvimento da infância através dos personagens de *As Crônicas de Nárnia* (2009) sob a perspectiva da psicanálise, explorando, principalmente, os conceitos de *fantasia*, *Id*, *Ego* e *Superego* propostos por Sigmund Freud (1923).

Nesse viés, em decorrência da importância e pertinência do tema em discussão, surge a seguinte problematização: Como a obra *As Crônicas de Nárnia* (2009) podem contribuir para a compreensão do entendimento dos mecanismos psíquicos e o desenvolvimento da infância à luz da Teoria Psicanalítica.

O estudo também buscou entender como a obra pode ser utilizada como ferramenta pedagógica para a compreensão do processo de desenvolvimento infantil.

Os objetivos específicos do presente trabalho consistem em investigar como o desenvolvimento da infância é retratado na obra, identificando as características psicológicas e emocionais dos personagens em diferentes estágios de desenvolvimento; dando atenção especial à forma como essas fases influenciam a formação da personalidade e a interação dos personagens com o mundo à sua volta. Além de avaliar o impacto da interação entre os elementos psicanalíticos e a narrativa fantástica na compreensão do desenvolvimento da infância, discutindo então, como esses elementos podem enriquecer a interpretação da obra *As Crônicas de Nárnia* (2009).

A escolha desse tema se justifica pela importância de compreendermos o desenvolvimento infantil sob diferentes perspectivas teóricas. A obra *As Crônicas de Nárnia* (2009) são de valor inestimável para compreendermos a influência da fantasia no desenvolvimento do indivíduo. Ao abrir as páginas de *O Leão, a*

Feiticeira e o Guarda-Roupa (2009), o primeiro livro escrito por C.S. Lewis, foi imediatamente transportada para o mundo mágico de Nárnia. A sensação de atravessar o guarda-roupa junto com os irmãos Pevensie e descobrir um mundo encantado coberto de neve e habitado por seres mitológicos foi incrivelmente cativante. É a capacidade de Lewis de criar um mundo que é, ao mesmo tempo, familiar e estranho que torna Nárnia tão envolvente. Sigmund Freud (1900) descreve o inconsciente de forma parecida ao mundo mágico de Lewis, um estranho familiar, não conhecemos que existe no inconsciente mas temos uma ligação e identificação com ele. Através de *As Crônicas de Nárnia* (2009), Lewis nos convida a explorar a relação entre mundos paralelos, oferecendo uma visão única da aventura e do desconhecido. Portanto, foi explorada a riqueza de *As Crônicas de Nárnia* (2009), analisando a construção do mundo de Nárnia, os personagens cativantes, os temas morais e psicológicos e a influência no desenvolvimento da infância.

A importância dessa obra pode ser, então, analisada sob a perspectiva da psicanálise, permitindo uma compreensão dos processos psicológicos envolvidos no desenvolvimento infantil. Dessa forma, a presente pesquisa busca investigar a relação entre a psicanálise e a obra *As Crônicas de Nárnia* (2009) no contexto do desenvolvimento da infância. A análise proposta contribuiu para o conhecimento nessa área, oferecendo uma compreensão mais aprofundada dos processos psicológicos e emocionais presentes na obra e sua relevância para o entendimento do desenvolvimento infantil. Portanto, para melhor compreensão do tema, o presente trabalho foi dividido em cinco capítulos, cada um contém a análise única e específica de um dos irmãos Pevensie através da teoria psicanalítica.

2 REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO

2.1 Metodologia

O presente trabalho foi desenvolvido por meio de uma pesquisa bibliográfica, no qual foram consultados livros e artigos que abordam os temas: psicanálise, desenvolvimento infantil e a obra *As Crônicas de Nárnia* (2009). Além disso, nos debruçaremos, especificamente, no livro *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, que consiste no segundo livro da obra de C.S. Lewis, identificando as características do desenvolvimento da constituição psíquica dos personagens destacando o papel da fantasia e como ela emerge como um elemento significativo nessa obra.

Dessa forma, foi realizado o levantamento de livros, artigos e outras fontes relevantes sobre os temas abordados como citado anteriormente. Serão consultadas fontes acadêmicas, como periódicos especializados e livros de referência. A partir do levantamento bibliográfico, os materiais mais relevantes e atualizados serão selecionados para a leitura. Dando um enfoque especial a obras que abordem a teoria psicanalítica de Sigmund Freud, o desenvolvimento infantil e análises literárias da obra de Clive Staples Lewis (2009).

Com base nas informações obtidas na leitura da obra e na revisão teórica da psicanálise, foi realizada uma análise dos personagens e de suas interações no contexto do desenvolvimento infantil. Sendo assim, foram estabelecidas conexões entre os conceitos da teoria psicanalítica e os eventos e comportamentos apresentados na obra. Com base nas análises realizadas, os resultados foram organizados em capítulos, conforme a estrutura estabelecida anteriormente.

2.2 Fundamentação teórica

Os contos de fadas são um gênero literário que tem uma longa tradição na transmissão de histórias e lições para crianças e adultos. Eles são muito mais do que simples narrativas; são uma janela para a compreensão da psicologia infantil, a exploração de desejos e anseios, bem como uma maneira de transmitir valores culturais. Bruno Bettelheim (2007) realizou uma análise profunda da natureza dos contos de fadas e do processo de significação dos anseios infantis neles contidos.

Bettelheim (2007) argumentou que os contos de fadas são especialmente importantes para o desenvolvimento das crianças porque permitem que elas expressem e compreendam suas ansiedades, desejos e conflitos de maneira simbólica. Ele observou que os contos de fadas frequentemente retratam situações difíceis e desafiadoras, como a perda dos pais, a luta contra forças malignas e a busca de identidade. Essas histórias, muitas vezes cheias de simbolismo, fornecem às crianças um meio de explorar e entender seus próprios medos e esperanças de uma maneira segura e controlada.

Os personagens e os eventos nos contos de fadas são muitas vezes arquetípicos, o que significa que representam aspectos universais da experiência humana. Por exemplo, o herói que enfrenta obstáculos para alcançar um objetivo ou a figura malvada que representa o perigo e a adversidade. Esses arquétipos são facilmente identificáveis e podem ajudar as crianças a reconhecer e lidar com suas próprias emoções e conflitos.

Além disso, Bettelheim (2007) enfatizou que os contos de fadas não devem ser vistos como histórias ingênuas e simplistas para crianças, mas como narrativas profundas e multifacetadas que também podem ser apreciadas por adultos. Os contos de fadas frequentemente abordam temas complexos, como moralidade, justiça, resiliência e transformação, que são relevantes para todas as idades.

O processo de significação dos anseios infantis nos contos de fadas envolve a identificação das questões emocionais que as crianças enfrentam e como essas questões são abordadas nas histórias. As crianças podem projetar seus próprios desejos e medos nos personagens e eventos dos contos de fadas, o que lhes permite explorar esses sentimentos de maneira segura e distante.

Em suma, os contos de fadas desempenham um papel importante na vida das crianças, permitindo-lhes explorar e entender seus anseios e medos de uma maneira simbólica e segura. Eles também têm um valor duradouro, pois muitos dos temas e lições contidos nesses contos são relevantes ao longo da vida. A análise de Bruno Bettelheim (2007) nos lembra da riqueza e profundidade dessas histórias atemporais, que continuam a cativar e enriquecer gerações de leitores de todas as idades, seja uma aventura que começa com o famoso “Era uma vez”, ou com um menino que não quer crescer e mora em um lugar distante chamado de Terra do Nunca, ou talvez até com um guarda-roupa de casacos que está velho e esquecido. Não importa como começa, os contos de fadas, as literaturas infantis, permeadas de

fabulas, as fantasias, tem a mágica de nos fazer transitar entre dois mundos completamente distintos, o exterior e o interior. Permitindo, também, uma significação dos afetos psíquicos que compõem, tão fortemente, o universo do infantil.

De acordo com Ernest Jones (1999), Sigmund Freud, nasceu em 6 de maio de 1856, na cidade de Freiberg, Morávia (atualmente parte da República Tcheca), desempenhou um papel fundamental na história da psicologia e da psiquiatria como o pai da psicanálise. Sua vida e obra são amplamente reconhecidas por sua influência duradoura no entendimento do funcionamento psíquico. A vida de Freud também foi marcada por sua fuga para Londres em 1938, devido à ascensão do nazismo na Áustria, naquele país passou seus últimos anos e continuou a contribuir para sua obra. Em resumo, Sigmund Freud deixou um legado duradouro na psicologia e na psiquiatria com sua exploração pioneira do inconsciente e seus efeitos sobre o comportamento humano. Suas teorias e conceitos continuam a influenciar a psicoterapia e a compreensão da mente humana até os dias de hoje (Jones, 1999).

Segundo Ernest Jones (1999), Freud iniciou sua jornada acadêmica estudando medicina na Universidade de Viena, onde se formou em 1881. Inicialmente, ele trabalhou como médico clínico, mas seu interesse pela histeria e em transtornos psicológicos o levou a explorar o campo da psicologia. Foi nessa época que ele começou a desenvolver a psicanálise, uma teoria revolucionária que desvendou as complexidades do inconsciente e seus efeitos sobre o comportamento humano.

Para o autor Garcia-Roza (2009) Uma das obras mais icônicas de Freud foi *A interpretação dos sonhos*, publicada em 1900, na qual ele introduziu a ideia de que os sonhos, produções oníricas, podiam apresentar, de forma lacunar, traços do inconsciente a partir de elementos latentes, sendo, portanto, uma via de acesso privilegiado aos desejos reprimidos e conflitos psicológicos (Roza, 2009, p.168). Foi, particularmente nessa obra que Freud apresentou sua primeira topografia do funcionamento psíquico a partir de três instâncias, sendo elas: Consciente, Pré-Consciente e Inconsciente. Além disso, em *A Psicopatologia da vida cotidiana* (1901), ele explorou lapsos de memória, atos falhos e lapsos linguísticos como janelas para o inconsciente. Freud também desafiou as normas sociais de sua

época com sua teoria sobre a sexualidade humana, apresentada em *Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905) ele argumentou que a sexualidade era uma parte central da psicologia humana desde a infância, gerando considerável controvérsia.

Totem e Tabu (1913), Freud abordou a origem da sociedade e da moralidade a partir de uma perspectiva psicanalítica, explorando a ideia de complexos familiares e a evolução da cultura. Mais tarde, *O ego e o Id* (1923), ele introduziu a segunda topografia freudiana a partir da concepção dinâmica do funcionamento psíquico pelo ego, superego e id, explicando como essas partes interagem e influenciam o comportamento humano. Outro trabalho notável, foi *O futuro de uma ilusão* (1927), no qual Freud examinou a religião como uma ilusão criada pelo homem para lidar com a ansiedade e a incerteza da vida, desafiando novamente as crenças convencionais.

Desse modo, diante da vasta obra desenvolvida por Freud acerca da psicanálise, iremos nos ater aos estudos acerca dos conceitos presentes na segunda tópica freudiana, o *id*, *ego* e o *superego* analisando esse aparelho psíquico e qual o papel da fantasia desempenhado nesse processo. Diante desse fato, queremos ressaltar a importância da vida e da obra de Sigmund Freud e o legado deixado por ele.

A psicanálise, uma abordagem pioneira na compreensão da mente humana, destaca-se pela sua análise profunda das manifestações do inconsciente e a importância que atribui à fantasia como um fenômeno intrínseco à vida psíquica. Nesse contexto, o trabalho seminal de Sigmund Freud, em *A Interpretação dos Sonhos* (1900), estabeleceu as bases para a exploração da interconexão entre a psicanálise e a fantasia.

Freud (1900) argumentou que os sonhos são uma janela para as fantasias inconscientes dos indivíduos. Através da análise dos conteúdos dos sonhos, ele demonstrou como as fantasias emergem em formas simbólicas, muitas vezes disfarçadas, revelando os desejos mais profundos e as preocupações do sujeito. Essa abordagem inaugurou uma compreensão crucial da fantasia como uma parte fundamental da vida mental.

Jacques Lacan, no seu *O Seminário, Livro 5: As Formações do Inconsciente* (1957-1958)¹, estendeu essa noção de fantasia, introduzindo o conceito da "função da fantasia". Para Lacan, a fantasia é uma estrutura psíquica que desempenha um papel fundamental na formação do sujeito e na articulação do desejo. Ele argumentou que a fantasia é uma mediação crucial entre o desejo e a realidade, moldando a maneira como os indivíduos experimentam e expressam seus desejos.

D.W. Winnicott, em seu trabalho sobre *Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais* (1951), acrescentou uma dimensão ao papel da fantasia no desenvolvimento infantil. Ele explorou como a criança utiliza objetos transicionais, muitas vezes ligados a fantasias, para lidar com a transição entre o mundo interno e externo. Isso destacou a importância das fantasias na adaptação e no processo de crescimento.

André Green, em *O Trabalho do Negativo* (1993), trouxe uma perspectiva única sobre a relação entre fantasia e negação. Green argumentou que a fantasia pode servir como uma maneira de negar aspectos indesejados da realidade, permitindo ao sujeito manter um vínculo ambivalente com esses aspectos.

Jean Laplanche, em *Vida e Morte em Psicanálise*² (1985), expandiu a análise das fantasias sexuais infantis, explorando como essas fantasias influenciam o desenvolvimento psicosexual. Isso ressaltou a relevância da fantasia na construção da sexualidade e na formação da identidade.

Esses trabalhos destacam a importância da fantasia na teoria e na prática psicanalítica. Através das contribuições de Freud, Lacan, Winnicott, Green e Laplanche, a psicanálise tem enriquecido a compreensão da fantasia como um fenômeno complexo que permeia a vida mental, influenciando o desenvolvimento individual e a experiência do desejo. Essa interconexão entre psicanálise e fantasia continua a ser um campo de pesquisa significativo na psicologia contemporânea.

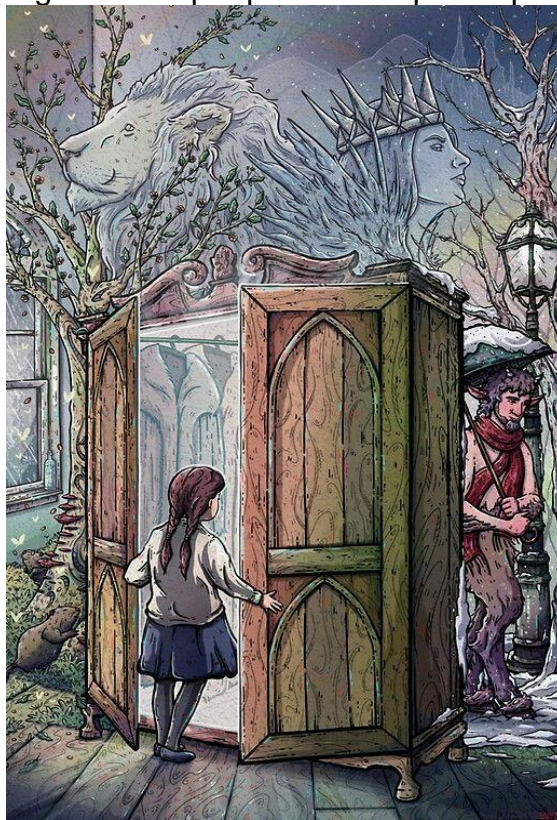
¹ LACAN, J. **O Seminário, Livro 5: As Formações do Inconsciente (1957-1958)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1999.

² LAPLANCHE, J. **Vida e Morte em Psicanálise**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda, 1985.

3 A FANTASIA NO DIVÃ DA PSICANÁLISE

3.1 A Psicanálise, o Inconsciente e o Guarda-Roupa

Figura 1 – O guarda-roupa que abre as portas para Nárnia



(Fonte: Pinterest)

A análise da simbologia presente no livro *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* de Clive Staples Lewis (2009), à luz da teoria psicanalítica de Sigmund Freud sobre o inconsciente, oferece uma perspectiva fascinante da narrativa e dos seus personagens, revelando complexidades subjacentes à história. Dessa forma, faremos uma breve viagem que começa no guarda-roupa e termina no nosso próprio inconsciente.

De acordo com Garcia-Roza (2009), “o termo ‘Inconsciente’, quando empregado antes de Freud, o era de forma puramente adjetiva para designar aquilo que não era consciente. Contudo, jamais para designar um sistema psíquico distinto dos demais e dotado de atividade própria” (Garcia-Roza, 2016, p 169-170). Contudo, após a interpretação freudiana no aparelho psíquico, o termo inconsciente ganhou nova compreensão. Em sua obra *O Inconsciente*, de 1915, Freud destaca que “tudo

que é reprimido, (por sê-lo), deve permanecer no inconsciente”. Contudo, ele alerta que “o reprimido não abrange tudo que é inconsciente (...) O alcance do inconsciente é mais amplo: o reprimido é apenas uma parte do inconsciente” (Freud, 1974/1915, p.191). E este, por sua vez, acessa a consciência de forma lacunar, ou seja, através de lapsos, atos falhos, esquecimentos, entre outros.

Quando alguém possui uma sinceridade genuína consigo mesmo, reconhece que suas decisões não são tão independentes como sua própria filosofia pessoal poderia sugerir. Em última análise, a pessoa que busca o autoconhecimento afirma que "Existem mistérios além do que nossa simples filosofia possa sonhar", como Shakespeare aludiu em *Hamlet*³ (2020).

É importante observar que existem diferentes versões dessa famosa citação de Shakespeare, em que a palavra "sonhar" pode ser substituída por "supor" ou "imaginar". No entanto, neste texto, a própria palavra “sonhar” se encaixa, pois é precisamente nesse ponto que a Psicanálise encontra um paradigma fundamental, mesmo que não forneça provas definitivas, a convicção básica da existência de um eu desconhecido.

Sigmund Freud (1900), em suas investigações sobre o inconsciente, argumentou que os sonhos e os elementos simbólicos neles contidos eram janelas para os desejos reprimidos e os conflitos internos das pessoas. Nesse contexto, o guarda-roupa em *As Crônicas de Nárnia* (2009) pode ser interpretado como um símbolo do inconsciente de seus protagonistas, a abertura de suas portas a um mundo singular, seriam, portanto, simbolicamente, a abertura das janelas ao inconsciente. Lúcia, a primeira a descobri-lo, representa o papel do explorador do inconsciente, uma vez que ela é a primeira a mergulhar nesse universo oculto e mágico.

A própria estrutura do guarda-roupa, com suas portas que se abrem para um mundo completamente diferente, espelha a ideia de uma fronteira entre a consciência e o inconsciente, que é central na teoria psicanalítica. Essa fronteira simbolizada pelo guarda-roupa se torna um local de transformação e autodescoberta para os personagens da história, que enfrentam seus medos, desejos e desafios internos ao entrarem em Nárnia.

³ SHAKESPEARE, W. *Hamlet*. [s.l.] Editora Lafonte; 2020.

Além disso, a dualidade entre o mundo dentro do guarda-roupa e o mundo real também pode ser interpretada como uma representação das polaridades da psique humana, como o consciente e o inconsciente, o *ego* e o *id*, ou até mesmo o bem e o mal, o princípio de realidade e o princípio de prazer. Os personagens vivem aventuras em Nárnia que os desafiam a confrontar seus próprios conflitos internos, refletindo assim a jornada de autoconhecimento proposta pela psicanálise.

No contexto da história, a curiosidade de Lúcia a leva a abrir o guarda-roupa, e isso desencadeia uma série de eventos mágicos. Essa abertura do guarda-roupa pode ser comparada o acesso ao inconsciente, permitindo que os personagens entrem em contato com seus desejos e conflitos profundos. Uma jornada bastante desafiadora em meio a casacos e variações do próprio “eu”.

Pouco depois, espiavam uma sala onde só existia um imenso guarda-roupa, daqueles que têm um espelho na porta. Nada mais na sala, a não ser uma mosca morta no peitoril da janela.

- Aqui não tem nada! disse Pedro, e saíram todos da sala.

Todos menos Lúcia. Para ela, valia a pena tentar abrir a porta do guarda-roupa, mesmo tendo quase certeza de que estava fechada à chave. Ficou assim muito admirada ao ver que se abriu facilmente, deixando cair duas bolinhas de naftalina.

Lá dentro viu dependurados compridos casacos de peles. Lúcia gostava muito do cheiro e do contato das peles. Pulou para dentro e se meteu entre os casacos, deixando que eles lhe afoassem o rosto. Não fechou a porta, naturalmente: sabia muito bem que seria uma tolice fechar-se dentro de um guarda-roupa. Foi avançando cada vez mais e descobriu que havia uma segunda fila de casacos pendurada atrás da primeira. Ali já estava meio escuro, e ela estendia os braços, para não bater com a cara no fundo do móvel. Deu mais uns passos, esperando sempre tocar no fundo com as pontas dos dedos. Mas nada encontrava.

“Deve ser um guarda-roupa colossal!”, pensou Lúcia, avançando ainda mais. De repente notou que estava pisando qualquer coisa que se desfazia debaixo de seus pés. Seriam outras bolinhas de naftalina? Abaixou-se para examinar com as mãos. Em vez de achar o fundo liso e duro do guarda-roupa, encontrou uma coisa macia e fria, que se esfarelava nos dedos.

“É muito estranho,” pensou, e deu mais um ou dois passos.

O que agora lhe roçava o rosto e as mãos não eram mais as peles macias, mas algo duro, áspero e que espetava.

- Ora essa! Parecem ramos de árvores!

Só então viu que havia uma luz em frente, não a dois palmos do nariz, onde deveria estar o fundo do guarda-roupa, mas lá longe. Caía-lhe em cima uma coisa leve e macia. Um minuto depois, percebeu que estava num bosque, à noite, e que havia neve sob os seus pés, enquanto outros flocos tombavam do ar.

Sentiu-se um pouco assustada, mas, ao mesmo tempo, excitada e cheia de curiosidade. Olhando para trás, lá no fundo, por entre os troncos sombrios das árvores, viu ainda a porta aberta do guarda-roupa e também distinguiu a sala vazia de onde havia saído. Naturalmente, deixara a porta aberta, porque bem sabia que é uma estupidez uma pessoa fechar-se num guarda-roupa. Lá longe ainda parecia divisar a luz do dia.

- Se alguma coisa não correr bem, posso perfeitamente voltar.

E ela começou a avançar devagar sobre a neve, na direção da luz distante (Lewis, 2009, p. 105).

Outro elemento da teoria de Freud que pode ser relacionado ao guarda-roupa é o conceito de simbolismo. Freud (1900) argumentou que muitos elementos em sonhos e na cultura podem ser interpretados como símbolos que representam desejos e conteúdos reprimidos do inconsciente. O guarda-roupa, sendo um objeto cotidiano que desempenha um papel extraordinário na narrativa, pode ser interpretado como um símbolo do desejo de escapar da realidade, da busca por aventura e da exploração do desconhecido.

Nesse contexto, o guarda-roupa, o portal mágico que transporta os protagonistas para o mundo de Nárnia, pode ser interpretado como uma representação do acesso ao inconsciente, conceito central na teoria freudiana. Assim como o inconsciente abriga desejos, memórias e pensamentos reprimidos, o guarda-roupa serve como uma porta de entrada para um reino interior desconhecido, onde os personagens confrontam aspectos ocultos de si mesmos. As personagens de Nárnia, notadamente Aslam, a Feiticeira Branca (Jadis) e o Sr. Tumnus, podem ser examinadas à luz da tripartição da psique proposta por Freud, que inclui o *id*, o *ego* e o *superego*.

Aslam emerge como um arquétipo do *ego*, representando a moralidade e a consciência. Sua figura de autoridade e proteção orienta os personagens a fazerem escolhas éticas e corretas, refletindo a influência do *ego* na tomada de decisões. Dessa forma, um trecho que exemplifica esse fato é quando Aslam busca orientar e aconselhar Pedro sobre decisões a serem tomadas em um momento de guerra:

Aslam explicou a Pedro seu plano de campanha:
 - Logo que termine suas tarefas por aqui, a feiticeira deve voltar para o seu castelo e preparar-se para resistir a um cerco. Talvez você possa cotar-lhe o caminho, impedindo que ela chegue lá, mas também pode ser que não. Aslam continuou a expor dois planos diferentes de batalha: um para atacar a feiticeira e sua gente no bosque; outro para assaltar o castelo. Aconselhou Pedro sobre a melhor maneira de conduzir as operações, dizendo coisas assim: "Deve colocar os centauros em tal parte," ou "Não esqueça suas sentinelas (Lewis, 2009, p. 167).

A Feiticeira Branca, Jadis, por sua vez, personifica o *id*, a parte mais primitiva e impulsiva do inconsciente. Ela é egoísta, cruel e intransigente em sua busca pelo poder, o que a equipara aos impulsos incontroláveis e aos desejos. Portanto, com o fito de entender melhor essa vilã, trago um trecho do livro *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* (2009) que descreve a Feiticeira Branca:

- Quem é a Feiticeira Branca?

- Uma pessoa horrorosa. Diz que é a rainha de Nárnia, embora não tenha o direito de ser rainha. É odiada por todos os faunos e dríades e náíades e anões e animais... Pelo menos, pelos que são bons. É capaz de transformar as pessoas em pedra e fazer mil coisas horríveis. É por causa de um encantamento dela que é sempre inverno em Nárnia, sempre inverno, mas o Natal nunca chega. Ela anda num trenó puxado por duas renas, tem uma varinha na mão e uma coroa na cabeça (Lewis, 2009, p. 119).

O Sr. Tumnus apresenta uma complexidade psicológica, inicialmente servindo à Feiticeira Branca, mas depois se redimindo. Essa dualidade sugere uma interpretação do Sr. Tumnus como uma representação da dualidade das demandas conflitantes do *id* e do *superego*. Sua jornada pessoal reflete o conflito interno que frequentemente ocorre na mente humana. Como mostra no trecho abaixo, ele fica preso nessa luta interna sem saber como deve agir, seguindo seus impulsos egoístas guiados pelo *id* ou ouvindo o *superego* e buscando sua redenção:

- A criança é você. A ordem da Feiticeira Branca foi esta: se alguma vez eu visse um Filho de Adão ou uma Filha de Eva no bosque, deveria atraí-los e entregar para ela. Você foi a primeira que eu encontrei. Fingi que era muito seu amigo, convidei-a para tomar chá, esperando que você adormecesse; aí, eu iria contar para ela...

- Oh, não faça uma coisa dessas, Sr. Tumnus! Não! O senhor nunca deve fazer isso.

- Mas, nesse caso – e ele recomeçou a chorar -, ela vai descobrir tudo. E vai mandar que me cortem a cauda, serrem meus chifres, arranquem minha barba. Com a vara de condão é capaz de transformar meus bonitos cascos fendidos em horrendos cascos de cavalo. Mas, se estiver zangada mesmo, é capaz de me transformar em estátua de fauno. Vou ficar naquela casa horrível, até que os quatro tronos de Cair Paravel sejam ocupados... Saiba-se lá quando isso vai acontecer.

- Tenho muita pena, Sr. Tumnus, mas, por favor, deixe-me ir para casa.

- Claro que sim. Tenho mesmo de deixar. Agora percebo. Não sabia como eram os humanos até encontrar você. Não iria entregá-la à feiticeira, principalmente agora, que a conheço. Vou acompanhá-la até o lampião. Você tem de achar o caminho até Sala Vazia e Guarda-Roupa.

- É claro que eu acho!

- Temos de ir caladinhos e escondidos. O bosque está cheio de espiões. Existem até árvores do lado dela.

O Sr. Tumnus abriu a sombrinha, deu o braço a Lúcia, e lá se foram pela neve. O caminho de volta não foi o mesmo que os levava à caverna do fauno; deslizaram silenciosamente, o mais depressa possível, sem dizerem nada, enquanto Tumnus escolhia sempre lugares mais escuros. Lúcia sentiu um alívio quando chegaram outra vez ao lampião.

- E agora, Filha de Eva, já sabe o caminho?

Lúcia olhou atentamente entre as árvores e conseguiu distinguir, à distância, um raio de luz que parecia ser a luz do dia.

- Sei; estou vendo o guarda-roupa.

- Então, já para casa. Espero que me perdoe por aquilo que eu desejava fazer...

- Está perdoado – disse Lúcia, apertando-lhe a mão com afeto. - Só espero que não lhe aconteça nada de mal por minha causa.

- Adeus, Filha de Eva. Posso ficar com o lenço?

- Pode, é claro (Lewis, 2009, p. 111).

Dessa forma, fica explícito a angústia sofrida pelo Sr. Tumnus após o *superego* alertar sobre a imprudência e injustiça que estava cometendo. Essa cobrança é tão alta que mesmo ele sabendo e descrevendo, como mostra o trecho acima, o que aconteceria com ele caso ele fosse descoberto pela Feiticeira Branca, ele desiste do plano original e liberta Lúcia, se arrependendo de forma tão genuína a ponto de enfrentar as consequências de tal ato. Além desse fator, outro ponto que fortalece esse arrependimento é o fato dele pedir perdão a Lúcia quando se despede dela, ele se sente tão culpado que precisa desse perdão para que tenha sua renição completa, ou seja, podemos analisar de forma que o *superego* exija essa atitude desesperadamente.

Nesse contexto, a simbologia das roupas e das transformações que ocorrem quando as crianças entram em Nárnia também é relevante nessa análise. As mudanças de vestuário podem ser vistas como expressões das múltiplas facetas do eu que residem no inconsciente, destacando a versatilidade das identidades humanas.

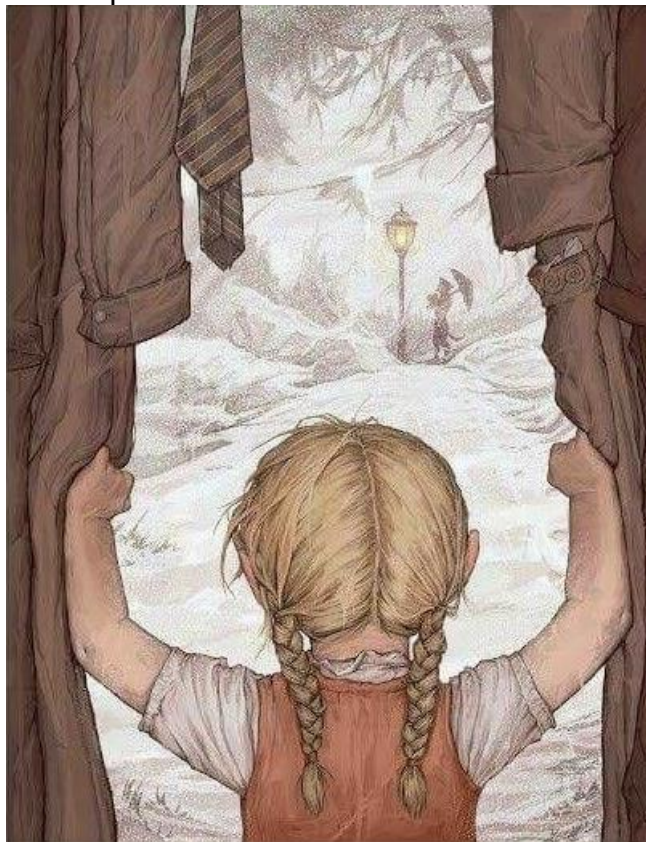
Além disso, a jornada das crianças em Nárnia, com seus desafios e desenvolvimento pessoal, pode ser interpretada como uma metáfora da jornada de autoconhecimento e crescimento proposta pela psicanálise freudiana. Enfrentando seus medos e desejos reprimidos enquanto exploram o mundo de Nárnia, os personagens passam por um processo de descoberta e reconciliação de aspectos ocultos do inconsciente.

Portanto, a análise psicanalítica de *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* (2009) enriquecem a compreensão da obra, evidenciando como os elementos simbólicos e a narrativa podem ser interpretados à luz da teoria do inconsciente de Freud. Isso demonstra a profunda influência da psicanálise na análise literária, proporcionando uma compreensão mais profunda dos personagens e da dinâmica da narrativa.

Em suma, o guarda-roupa em *As Crônicas de Nárnia* (2009) pode ser interpretado como uma representação do inconsciente à luz da teoria de Freud. Ele simboliza a fronteira entre o consciente e o inconsciente, desencadeia a descoberta de desejos reprimidos e serve como um meio para explorar as complexidades psicológicas dos personagens. Através dessa análise, é possível apreciar como a obra de C.S. Lewis incorpora elementos da psicanálise para enriquecer sua narrativa e oferecer uma reflexão profunda sobre a psicologia humana.

3.2 Perda no guarda-roupa dos casacos: o escapismo de Lúcia

Figura 2 – Escapando entre os casacos e entrando em Nárnia.



(Fonte: Pinterest)

O leão, a feiticeira e o guarda-roupa é o primeiro livro a ser escrito da série *As Crônicas de Nárnia* de C.S. Lewis, publicado em 1950. A obra segue a jornada de quatro irmãos, Pedro, Susana, Edmundo e Lúcia, durante a Segunda Guerra Mundial, quando são evacuados de Londres para a casa de um professor no interior da Inglaterra. É nesse cenário que Lúcia faz uma descoberta extraordinária, que é o ponto de partida para a aventura mágica que se desenrola.

A descoberta da natureza mágica do guarda-roupa ocorre nos primeiros capítulos do livro, quando Lúcia decide explorar a grande casa em que estão hospedados. Ela entra em um quarto vazio e encontra um guarda-roupa que estava cheio de casacos de pele, enquanto entra cada vez mais fundo no móvel, Lúcia percebe que está pisando na neve e para sua surpresa, não é apenas um móvel comum, mas um portal para um mundo mágico chamado Nárnia. De acordo com a narrativa de Lewis (2009), este descreve:

Pouco depois, espiavam uma sala onde só existia um imenso guarda-roupa, daqueles que têm um espelho na porta. Nada mais na sala, a não ser uma mosca morta no peitoril da janela.

- Aqui não tem nada! disse Pedro, e saíram todos da sala.

Todos menos Lúcia. Para ela, valia a pena tentar abrir a porta do guarda-roupa, mesmo tendo quase certeza de que estava fechada à chave. Ficou assim muito admirada ao ver que se abriu facilmente, deixando cair duas bolinhas de naftalina.

Lá dentro viu dependurados compridos casacos de peles. Lúcia gostava muito do cheiro e do contato das peles. Pulou para dentro e se meteu entre os casacos, deixando que eles lhe afoassem o rosto. Não fechou a porta, naturalmente: sabia muito bem que seria uma tolice fechar-se dentro de um guarda-roupa. Foi avançando cada vez mais e descobriu que havia uma segunda fila de casacos pendurada atrás da primeira. Ali já estava meio escuro, e ela estendia os braços, para não bater com a cara no fundo do móvel. Deu mais uns passos, esperando sempre tocar no fundo com as pontas dos dedos. Mas nada encontrava.

“Deve ser um guarda-roupa colossal!”, pensou Lúcia, avançando ainda mais. De repente notou que estava pisando qualquer coisa que se desfazia debaixo de seus pés. Seriam outras bolinhas de naftalina? Abaixou-se para examinar com as mãos. Em vez de achar o fundo liso e duro do guarda-roupa, encontrou uma coisa macia e fria, que se esfarelava nos dedos.

“É muito estranho,” pensou, e deu mais um ou dois passos.

O que agora lhe roçava o rosto e as mãos não eram mais as peles macias, mas algo duro, áspero e que espetava.

- Ora essa! Parecem ramos de árvores!

Só então viu que havia uma luz em frente, não a dois palmos do nariz, onde deveria estar o fundo do guarda-roupa, mas lá longe. Caía-lhe em cima uma coisa leve e macia. Um minuto depois, percebeu que estava num bosque, à noite, e que havia neve sob os seus pés, enquanto outros flocos tombavam do ar.

Sentiu-se um pouco assustada, mas, ao mesmo tempo, excitada e cheia de curiosidade. Olhando para trás, lá no fundo, por entre os troncos sombrios das árvores, viu ainda a porta aberta do guarda-roupa e também distinguiu a sala vazia de onde havia saído. Naturalmente, deixara a porta aberta, porque bem sabia que é uma estupidez uma pessoa fechar-se num guarda-roupa. Lá longe ainda parecia divisar a luz do dia.

- Se alguma coisa não correr bem, posso perfeitamente voltar.

E ela começou a avançar devagar sobre a neve, na direção da luz distante (Lewis, 2009, p. 105).

Lúcia, uma das personagens centrais na obra de C.S. Lewis, *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* (2009) pode ser analisada sob uma lente psicanalítica, à luz dos conceitos freudianos. É notável que Lúcia, como a primeira a descobrir o guarda-roupa mágico que a transporta a Nárnia, desempenha um papel crucial na narrativa e exhibe características e comportamentos que podem ser interpretados em termos da teoria de Freud.

- Aqui não tem nada! - disse Pedro, e saíram todos da sala.

Todos menos Lúcia. Para ela, valia a pena tentar abrir a porta do guarda-roupa, mesmo tendo quase certeza de que estava fechada à chave. Ficou assim muito admirada ao ver que se abriu facilmente, deixando cair duas bolinhas de naftalina. Lá dentro viu dependurados compridos casacos de peles. Lúcia gostava muito do cheiro e do contato das peles. Pulou para dentro e se meteu entre os casacos, deixando que eles lhe afoassem o rosto (Lewis, 2009, p.105).

Primeiramente, a noção do guarda-roupa mágico pode ser vista como uma representação simbólica do inconsciente. Freud (1900) postulou que o inconsciente abriga desejos, pensamentos reprimidos e experiências não resolvidas. O ato de entrar no guarda-roupa e acessar Nárnia pode ser considerado uma metáfora para a exploração do inconsciente de Lúcia. Ela é a primeira a fazer essa descoberta, implicando uma predisposição para a introspecção e a exploração do mundo interior.

O inconsciente é como um grande reservatório, onde pensamentos, desejos e impulsos reprimidos residem, aguardando uma oportunidade para emergir (Freud, 1900).

Além disso, a busca de Lúcia por Nárnia pode ser vista como uma manifestação do mecanismo de defesa conhecido como "escapismo". Em meio à Segunda Guerra Mundial, Lúcia procura refúgio em Nárnia, evitando enfrentar a realidade perturbadora da guerra. Esse desejo de escapar da realidade é um exemplo do papel que as fantasias e os mundos imaginários podem desempenhar como mecanismos de enfrentamento em momentos de estresse. O escapismo como modo de redirecionar, por um momento, o princípio de realidade duro e traumático de um ambiente de violência.

A jornada de Lúcia em Nárnia também oferece uma oportunidade para explorar o desenvolvimento da identidade. De acordo com Freud (1900), a personalidade e a identidade de uma pessoa são moldadas por experiências e interações com os outros. Ao longo da história, Lúcia interage com uma variedade de personagens em Nárnia, o que contribui para seu crescimento e amadurecimento pessoal. Essas interações refletem o processo de formação da identidade, à medida que Lúcia se adapta às circunstâncias em constante mudança.

Além disso, as relações de Lúcia com figuras de autoridade em Nárnia, como o Sr. Tumnus e o leão Aslam, podem ser interpretadas em termos da teoria freudiana sobre a relação com figuras parentais e autoritárias. Aslam, em particular, desempenha um papel protetor e orientador em relação a Lúcia, evocando a ideia de uma figura paterna substituta que fornece apoio e direção em sua jornada.

- Crianças, por que estão me seguindo?
- Não conseguimos dormir – disse Lúcia, sentindo que não era preciso dizer mais nada.
- Por favor, deixe-nos ir com você, a qualquer lugar... – implorou Susana.
- Bem... – E Aslam pareceu refletir. – Vou gostar de ter amigos esta noite. Podem vir... desde que me prometam parar quando eu lhes disser, e me deixem depois continuar sozinho.
- Obrigada, muito... Prometemos!

A marcha prosseguiu: o Leão entre as duas meninas. Como andava devagar! A grande cabeça real ia tão baixa que o nariz quase roçava a relva. A certa altura tropeçou e deixou escapar um gemido.

- Aslam! Aslam querido! – disse Lúcia. – O que há? Por que não nos diz o que tem?

- Está doente, Aslam querido? – perguntou Susana.

- Não. Estou triste. Estou só. Ponham as mãos na minha juba, para que eu sinta que vocês estão aqui, e caminhemos assim.

Foi assim que as meninas fizeram o que, sem licença dele, jamais teriam tido coragem de fazer, ainda que o desejassem ardentemente, desde o primeiro instante em que o viram... Enfiaram as mãos frias na juba farta, acariciando-a, e foram andando ao lado dele.

Repararam que subiam a encosta do monte sobre o qual estava a Mesa e Pedra. Chegaram à última árvore antes da clareira. Aslam parou e disse:

- Crianças, vocês ficam aqui. Aconteça o que acontecer, fiquem bem escondidas. Adeus!

As duas meninas choraram copiosamente (embora mal soubessem o motivo), agarraram-se ao Leão, deram-lhe beijos na juba, no nariz, nas patas, nos grandes olhos tristes. Depois, ele se afastou e foi sozinho para o alto da colina. Escondidas nas últimas moitas, Susana e Lúcia ficaram espiando (Lewis, 2009, p. 169).

Dessa forma, fica perceptível o cuidado e atenção que Aslam dava a Lúcia, desempenhando assim, o papel fundamental como figura paterna para as meninas. Elas, por sua vez, sentem uma ligação muito forte com o leão a ponto de pressentirem que algo de errado estava para acontecer com ele. Ou seja, elas espelham em Aslam aquilo que lhes foi roubado na guerra, a presença do pai, sendo assim elas projetam em Aslam o medo da perda do pai, desenvolvendo o mecanismo de defesa chamado de projeção.

Por último, os conflitos internos enfrentados por Lúcia ao longo da narrativa, como sua decisão de apoiar seu irmão Edmundo, mesmo quando ele está agindo de maneira equivocada, podem ser vistos como lutas psicológicas dentro de sua mente. Esses conflitos internos refletem a complexidade da psicologia humana, à medida que Lúcia tenta conciliar seus valores morais com suas emoções e lealdade à família.

Em resumo, a análise de Lúcia em *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* (2009) à luz da teoria psicanalítica de Freud revelam uma personagem que utiliza Nárnia como um meio de escapar da realidade, enfrenta conflitos internos, busca desenvolver sua identidade e interage com figuras parentais e autoritárias em sua jornada. Essa análise literária ilustra como a obra de Lewis pode ser interpretada sob uma perspectiva psicanalítica, enriquecendo nossa compreensão da psicologia dos personagens e suas complexas motivações.

3.3 Edmundo e o manjar turco: a fome do id

Figura 3 – Manjar turco e o trenó da feiticeira.



(Fonte: Pinterest)

Edmundo, um dos personagens centrais na obra *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* (2009) de C.S. Lewis, pode ser analisado a partir da teoria psicanalítica de Sigmund Freud, que explora as complexidades da mente humana, especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento psicológico, conflitos internos e mecanismos de defesa. Explorando principalmente a sua luta constante contra a fome incessante do *Id*, chegando ao ponto de trair seus próprios irmãos em troca de doces e promessas ambiciosas. Dessa forma, para a teoria psicanalítica,

O *id* é a parte inacessível do nosso psiquismo e suas características são descritas como opostas às do *ego*. Apesar de topologicamente e o *ego* não se achar nitidamente separado do *id*, pois uma parte dele está fundida com o *id*, funcionalmente eles são bem distintos. Em um de seus extremos, o *id* está aberto às influências somáticas e em seu interior abriga representantes pulsionais que buscam satisfação, regulados exclusivamente pelo princípio do prazer. No *id* não há negação, obediência à não contradição, vontade coletiva, juízo de valor, bem mal, moralidade, assim como também não há temporalidade.” (Garcia Roza, 2009, p. 207).

Sigmund Freud, o fundador da psicanálise, desenvolveu a teoria dos mecanismos de defesa como parte de sua estrutura conceitual. Em seu trabalho, ele descreveu vários mecanismos de defesa que as pessoas usam para lidar com conflitos emocionais e proteger sua psique. Freud começou a desenvolver sua teoria dos mecanismos de defesa no final do século XIX e continuou a refiná-la ao longo de sua carreira. Alguns dos mecanismos de defesa mais conhecidos descritos por Freud incluem:

deslocamento

al. Verschiebung; esp. desplazamiento; fr. déplacement; ing. displacement. Processo psíquico inconsciente*, teorizado por Sigmund Freud* sobretudo no contexto da análise do sonho*. O deslocamento, por meio de um deslizamento associativo, transforma elementos primordiais de um conteúdo latente em detalhes secundários de um conteúdo manifesto.

projeção

al. Projektion; esp. proyección; fr. projection; ing. projection Termo
utilizado por Sigmund Freud* a partir de 1895, essencialmente para definir o mecanismo da paranóia*, porém mais tarde retomado por todas as escolas psicanalíticas para designar um modo de defesa* primário, comum à psicose*, à neurose* e à perversão*, pelo qual o sujeito* projeta num outro sujeito ou num objeto desejos* que provêm dele, mas cuja origem ele desconhece, atribuindo-os a uma alteridade que lhe é externa.

recalque

al. Verdrängung; esp. represión; fr. refoulement; ing. repression
Na linguagem comum, a palavra recalque designa o ato de fazer recuar ou de rechaçar alguém ou alguma coisa. Assim, é empregada com respeito a pessoas a quem se quer recusar acesso a um país ou a um recinto específico. Para Sigmund Freud*, o recalque designa o processo que visa a manter no inconsciente* todas as ideias e representações ligadas às pulsões* e cuja realização, produtora de prazer, afetaria o equilíbrio do funcionamento psicológico do indivíduo, transformando-se em fonte de desprazer. Freud, que modificou diversas vezes sua definição e seu campo de ação, considera que o recalque é constitutivo do núcleo original do inconsciente. No Brasil também se usa “recalcamento”.

repressão

al. Unterdrückung; esp.; sofocación; fr. répression; ing. suppression
Termo empregado em psicologia para designar a inibição voluntária de uma conduta consciente. Em psicanálise*, a repressão é uma operação psíquica que tende a suprimir conscientemente uma ideia ou um afeto cujo conteúdo é desagradável. No Brasil também se usa “supressão”

sublimação

al. Sublimierung; esp. sublimación; fr. sublimation; ing. sublimation
Termo derivado das belas-artes (sublime), da química (sublimar) e da psicologia (subliminar), para designar ora uma elevação do senso estético, ora uma passagem do estado sólido para o estado gasoso, ora, ainda, um mais-além da consciência. Sigmund Freud* conceituou o termo em 1905 para dar conta de um tipo particular de atividade humana (criação literária, artística, intelectual) que não tem nenhuma relação aparente com a sexualidade*, mas que extrai sua força da pulsão* sexual, na medida em que esta se desloca para um alvo não sexual, investindo objetos socialmente valorizados. (Roudinesco e Plon, 1998)

Embora Edmundo seja uma figura fictícia, sua psicologia pode ser interpretada em termos dos conceitos freudianos.

- Beber sem comer é triste, Filho de Adão - disse a rainha. - Que deseja comer?

- Manjar turco, Majestade, por favor - disse Edmundo.

A rainha deixou cair sobre a neve outra gota da garrafa; no mesmo instante, apareceu uma caixa redonda, atada com uma fita de seda verde, que, ao se abrir, revelou alguns quilos do melhor manjar turco. Edmundo nunca tinha saboreado coisa mais deliciosa, tão gostosa e tão leve. Sentiu-se aquecido e bem disposto (Lewis, 2009, p.117).

Primeiramente, podemos observar elementos do Complexo de Édipo na dinâmica de Edmundo com seus irmãos mais velhos, particularmente com sua irmã Lúcia. Edmundo, como o irmão mais novo, pode sentir uma certa inveja e rivalidade em relação aos irmãos mais velhos, o que pode influenciar suas ações iniciais de traição e negação dos relatos de Lúcia sobre Nárnia. Essa traição pode ser vista como um conflito entre seus impulsos inconscientes *Id*, como seu desejo por mais comida e reconhecimento, e sua consciência moral, *superego*, que eventualmente se manifesta.

Além disso, os mecanismos psíquicos de Edmundo são permeados pela defesa, uma vez que ele tende a negar seu papel na traição inicial e projeta a responsabilidade em outros, como Lúcia ou a suposta falta de atenção de seus irmãos. Esses mecanismos de defesa podem ser vistos como estratégias psicológicas para preservar sua autoimagem e proteger-se da culpa decorrente de suas ações.

Uma análise mais profunda revela que Edmundo é seduzido pelo poder e pelo reconhecimento oferecidos pela Feiticeira Branca. Isso pode ser interpretado em termos do "princípio do prazer" analisados por Freud, no qual o indivíduo busca a gratificação imediata de seus desejos e anseios, muitas vezes em detrimento de considerações éticas. Nesse sentido, a submissão de Edmundo à Feiticeira Branca representa uma fuga das responsabilidades e desafios do mundo real, uma busca por uma realidade alternativa na qual ele pode satisfazer seus impulsos narcisistas.

Não pense que Edmundo era tão ruim a ponto de desejar ver o irmão e as irmãs transformados em estátuas de pedra. O que ele queria simplesmente era comer manjar turco, ser príncipe (e mais tarde rei) e vingar-se de Pedro, que o chamara de "cavalo". Quanto ao que a feiticeira pudesse fazer aos irmãos, não queria que fosse coisa muito boa (sobretudo que ela não os colocasse no mesmo nível dele). Mas estava convencido (ou tentava convencer-se) de que ela não poderia ser tão má como diziam. "Porque" – pensava ele – "os que falam mal dela são os inimigos, e é provável que metade do que dizem não seja verdade. Aliás, comigo foi bastante amável, muito mais do que qualquer um deles. Que bom se ela for a verdadeira rainha! É melhor do que aquele pavoroso Aslam!" Foi essa, pelo menos, a desculpa que Edmundo arranjou para justificar o próprio comportamento.

Mas a desculpa não era lá essas coisas, pois no fundo sabia que a feiticeira era cruel (Lewis, 2009, p. 142 – 143).

No entanto, à medida que a narrativa se desenrola, Edmundo passa por um processo de redenção e amadurecimento. Ele reconhece os erros de suas ações e a crueldade da Feiticeira Branca, o que pode ser interpretado como a evolução do *ego* e do *superego*, que assumem o controle sobre o *Id*. Essa jornada de redenção reflete a ideia freudiana de que a psicologia humana é dinâmica e pode evoluir ao longo do tempo.

Hamlet (2020), em sua famosa reflexão "*Ser ou não ser, eis a questão*", pondera sobre a moralidade e a ação. Ele enfrenta um dilema moral e psicológico sobre o assassinato de seu tio, o Rei Cláudio, e a vingança pela morte de seu pai. Hamlet representa a luta entre o *Id* e o *superego* freudiano, com seu *superego* pesando sobre sua consciência e retardando a ação. Sua hesitação em agir reflete uma análise constante das consequências morais de seus atos.

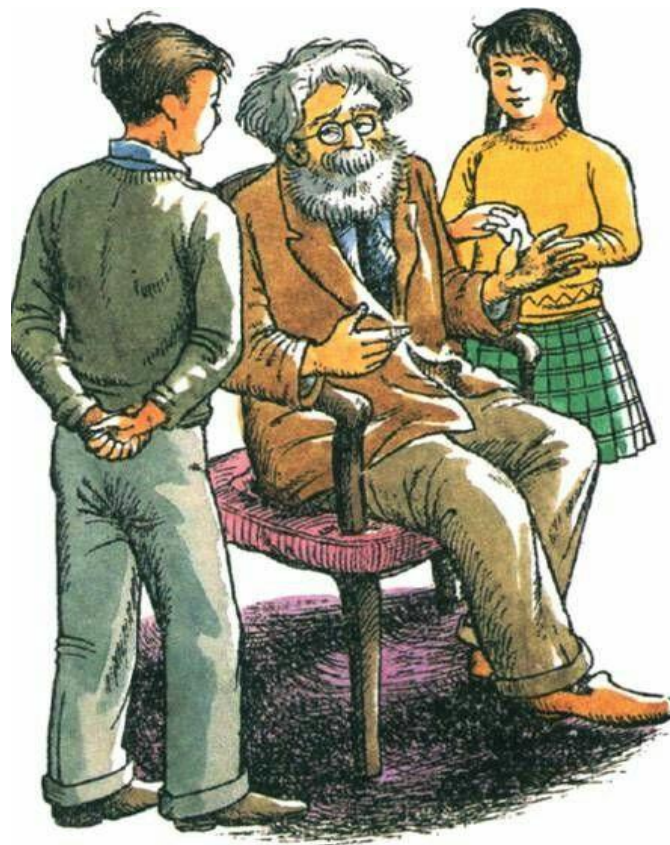
Ambos os personagens, Edmundo e Hamlet, refletem a dualidade da natureza humana. Edmundo evolui de um estado de egoísmo e traição para um estado de redenção e altruísmo ao longo das Crônicas de Nárnia. Essa transformação interna demonstra sua capacidade de transcender as demandas impulsivas do *Id* e abraçar os valores morais mais elevados.

Hamlet, por outro lado, luta com seu conflito interno por toda a tragédia. Sua indecisão e introspecção constante representam a complexidade da natureza humana, enquanto a moralidade, o dever e os desejos conflitantes entram em choque. A famosa frase "*Ser ou não ser*" exemplifica a luta interior entre a vontade de agir e a compreensão das implicações éticas.

Em resumo, a análise de Edmundo à luz da teoria psicanalítica de Freud destaca os conflitos internos, os mecanismos de defesa e a evolução psicológica do personagem ao longo da história. Embora Edmundo seja uma criação literária, essa abordagem oferece insights sobre os aspectos psicológicos complexos que podem estar presentes em personagens de ficção, enriquecendo nossa compreensão das motivações e desenvolvimento de personagens literários. Além de auxiliar na compreensão do aparelho psíquico humano e como o mesmo funciona.

3.4 Um simples guarda-roupa de madeira: e o amadurecimento precoce de Susana

Figura 4 – Susana e Pedro conversando com o professor.



(Fonte: Pinterest)

Susana Pevensie, uma das protagonistas da obra *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* (2009) de C.S. Lewis, pode ser analisada a partir da teoria freudiana, explorando os aspectos inconscientes do desenvolvimento humano, os mecanismos de defesa e a complexidade das relações interpessoais. Embora o autor não tenha concebido sua obra com explícitas referências à psicanálise, é possível identificar elementos que sugerem uma interpretação psicanalítica da personagem.

Em primeiro lugar, é relevante considerar o Complexo de Édipo⁴, um conceito central na teoria freudiana. Susana, como a irmã mais velha dos irmãos

⁴ Édipo, complexo de al. Ödipuskomplex; esp. complejo de Edipo; fr. complexe d'Oedipe; ing. Oedipus complex Correlato do complexo* de castração* e da existência da diferença sexual* e das gerações*, o complexo de Édipo é uma noção tão central em psicanálise* quanto a universalidade da interdição do incesto* a que está ligado. Sua invenção deve-se a Sigmund Freud*, que pensou, através do vocábulo Ödipuskomplex, num complexo ligado ao personagem de Édipo, criado por

Pevensie, desempenha um papel de protetora e cuidadora em relação aos mais jovens, especialmente em relação a Lúcia. Essa dinâmica pode ser vista como uma expressão do Complexo de Édipo, Susana, inconscientemente, assume a figura da mãe em relação aos irmãos mais novos, que buscam a atenção e aprovação de figuras parentais ausentes, como resultado da separação de seus pais durante a Segunda Guerra Mundial.

- Eu... só queria saber uma coisa: de que adianta seguirmos em frente? – disse Susana. – Quer dizer... acho que não é muito seguro... e pode até não ter graça nenhuma. E depois, está ficando cada vez mais frio... e não temos nada para comer. Vamos para casa?

- Ah, isso é que não! Agora não pode ser! – disse Lúcia de repente. – Não podemos voltar depois do que aconteceu. Foi por minha causa que o fauno se meteu nesta confusão. Foi ele que me escondeu da feiticeira e me ensinou o caminho de casa. É isto que eles querem dizer com o “auxílio aos inimigos da rainha e confraternização com humanos”. Temos de fazer tudo para salvá-lo.

- Grande coisa haveremos de fazer! – disse Edmundo. – Nem temos o que comer!

- Cale a boca – disse Pedro, ainda muito zangado com Edmundo. – Qual a sua opinião, Susana?

- Tem aqui dentro de mim uma coisa horrível dizendo que Lu está certa – disse Susana. – Mas, por mim, não dava nem mais um passo. Ah, se eu não tivesse vindo! Mas temos de fazer alguma coisa pelo fauno. Seja lá o que for (Lewis, 2009, p. 128 – 129).

Dessa forma, como exposto do trecho acima, é perceptível que Susana sempre busca por soluções práticas e que possam proteger a todos, sempre usando a lógica para resolver as situações enfrentadas durante a trajetória dos irmãos Pevensie. Apesar de, no início, querer que todos saiam de Nárnia o mais rápido possível para evitar problemas, após descobrirem que o fauno está em apuros por ajudar Lúcia, Susana se sente na obrigação de ajudar de alguma forma, como agradecimento pelo salvamento da sua irmã.

Além disso, Susana exibe características que podem ser relacionadas aos mecanismos de defesa freudianos, especificamente a repressão. Inicialmente, ela demonstra ceticismo em relação à existência de Nárnia e às experiências fantásticas que seus irmãos relatam. Essa atitude cética pode ser interpretada como uma forma

Sófocles. O complexo de Édipo é a representação inconsciente pela qual se exprime o desejo* sexual ou amoroso da criança pelo genitor do sexo oposto e sua hostilidade para com o genitor do mesmo sexo. Essa representação pode inverter-se e exprimir o amor pelo genitor do mesmo sexo e o ódio pelo do sexo oposto. Chama-se Édipo à primeira representação, Édipo invertido à segunda, e Édipo completo à mescla das duas. O complexo de Édipo aparece entre os 3 e os 5 anos. Seu declínio marca a entrada num período chamado de latência, e sua resolução após a puberdade concretiza-se num novo tipo de escolha de objeto. Na história da psicanálise*, a palavra Édipo acabou substituindo a expressão complexo de Édipo. Nesse sentido, o Édipo designa, ao mesmo tempo, o complexo definido por Freud e o mito fundador sobre o qual repousa a doutrina psicanalítica como elucidação das relações do ser humano com suas origens e sua genealogia familiar e histórica.

de reprimir ideias desconhecidas e ameaçadoras, como uma estratégia de defesa contra a ansiedade gerada pela realidade fantástica.

- E quem disse que a história não é verdadeira?
- Oh, mas acontece... – começou Susana; e parou por aí. Via-se pela cara do velho que ele estava mesmo falando sério. Susana tomou coragem e disse:
- Mas Edmundo confessou que eles estavam fingindo.
- Ora, aí está uma coisa – tornou o professor – que precisa ser considerada, e com muitíssima atenção. Por exemplo, se me desculpam a pergunta: qual deles, pela experiência de vocês, é mais digno de crédito, o irmão ou a irmã? Isto é, quem fala sempre a verdade?
- Isto que é gozado, professor – respondeu Pedro. – Até agora, eu só posso dizer que é a Lúcia.
- E que acha você, minha querida Susana?
- Bem, em casos comuns, penso igual ao Pedro, mas aquela história do bosque e do fauno não pode ser verdade.
- É o que a gente nunca sabe – disse o professor. – Não se deve acusar de mentirosa uma pessoa que sempre falou a verdade; é mesmo uma coisa séria, muito séria.
- Mas o nosso medo não é que ela esteja mentindo – replicou Susana. – Chegamos a pensar se ela não está doente da cabeça...
- Acham que ela está louca? – perguntou, calmamente, o professor. – Podem ficar descansados: basta olhar para ela, ouvi-la um instante para ver que não está louca.
- Mas, então... – disse Susana, e calou-se. Nunca tinha pensado que uma pessoa grande falasse como o professor, e não sabia bem o que havia de pensar de tudo aquilo (Lewis, 2009, p. 122 – 123).

No contexto do desenvolvimento psicosssexual, Susana é uma personagem em crescimento, e sua relação com outros personagens, como os habitantes de Nárnia, pode refletir aspectos desse desenvolvimento, particularmente no que diz respeito à curiosidade sobre as relações interpessoais e intergeracionais. Sua interação com os adultos em Nárnia pode representar um desejo inconsciente de compreender as complexidades das relações adultas, à medida que ela amadurece.

Susana também personifica o *superego* freudiano, a parte da psique que internaliza normas sociais e morais. Ela é frequentemente retratada como responsável, com um forte senso de dever e moralidade. Suas ações protetoras e orientadoras em relação aos irmãos mais novos, especialmente a Lúcia, exemplificam a influência do *superego* em seu comportamento, buscando manter a ordem e a moral em situações desafiadoras.

Por fim, ao longo da história, Susana passa a experimentar conflitos internos e ansiedades inconscientes, especialmente em relação à sua resistência inicial à aceitação de ideias e crenças que desafiam sua compreensão de mundo. Seu ceticismo em relação a Nárnia e a figura de Aslam, o leão, pode ser interpretado

como uma defesa contra ideias que ameaçam desestabilizar seu sistema de crenças e valores.

Em resumo, a análise da personagem Susana Pevensie revela elementos de sua psicologia inconsciente, suas relações interpessoais e seu desenvolvimento moral ao longo da narrativa de *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* (2009). Essa análise enriquece a compreensão da complexidade da personagem e sua evolução ao longo da história.

3.5 Pedro e a espada suja de sangue: a jornada do herói

Figura 5 – A espada do rei Pedro.



(Fonte: Pinterest)

O personagem Pedro, como um dos protagonistas desta narrativa, exibe características e comportamentos que podem ser analisados em termos freudianos. Pedro é um personagem que ilustra, de maneira notável, a interação entre as instâncias da segunda tópica:

- Esqueceu de limpar a espada. - disse o Leão.
- Verdade. Pedro corou ao ver a lâmina brilhante manchada de sangue e de pelos do polícia secreta. Esfregou a espada na relva, enxugando-a depois no casaco.
- Dê-me a espada. Ajoelhe-se, Filho de Adão! - disse Aslam.
- Tocou-o com a lâmina da espada e disse:
- Levante-se, rei Pedro! E, aconteça o que acontecer, nunca se esqueça de limpar a espada! (Lewis, 2009, p.161).

O *Id* de Pedro manifesta-se em seus impulsos instintivos e desejos inatos, notadamente no que diz respeito à sua busca por aventura e poder ao longo da narrativa. À medida que a história progride, ele assume a liderança entre seus irmãos, o que pode ser interpretado como uma expressão do seu desejo de controle e poder no ambiente de Nárnia.

Por outro lado, o *ego* de Pedro atua como mediador entre os impulsos do *Id* e as demandas da realidade e da moral. Ele é frequentemente colocado em situações que exigem um equilíbrio delicado entre suas aspirações individuais e suas responsabilidades como irmão mais velho e líder. Assim destaca Roza (2009) sobre a instância do *ego*:

O *ego* tem sua origem no sistema Pcpt-Cs, sendo um efeito das sensações corporais e encarado, ele próprio, como uma projeção da superfície corporal. “O *ego* é, primeiro, e acima de tudo, um *ego* corporal”, afirma Freud (*op. cit.*, p. 40). Do sistema Pcpt, que é o seu núcleo, o *ego* se estende pelo Pcs e pelo Ics. Assim sendo, a antiga oposição entre o *ego* e o Ics. Para designar a região psíquica inconsciente que não se confunde com o *ego* e que se coloca em oposição a este, Freud foi buscar um termo empregado por Nietzsche: *Es* (*Id* em sua forma latina) (Garcia Roza, 2009, p. 207).

Por fim, o *superego* de Pedro se manifesta em sua forte noção de responsabilidade e dever, particularmente em relação à sua família e à luta pela justiça em Nárnia. Ele se vê como um protetor de seus irmãos e, nesse papel, incorpora valores morais e éticos que o orientam em suas decisões.

Mas não é apenas contra o *id* que o *ego* tem de se confrontar. Já vimos que uma parte dele mesmo se diferencia e se constitui como uma instância autônoma e como agente crítico. Essa terceira região do psiquismo é o *Superego*. Se o *ego* é, em face do *id*, o representante da realidade externa, o *superego* deverá ser visto como o representante do mundo interno. Herdeiro do complexo de Édipo e construído segundo o modelo do *superego* dos pais, o *superego* possui uma tríplice função: de auto-observação, de consciência moral e de ideal de *ego* (Freud, ESB, v. XXII, p. 86) (Garcia Roza, 2009, p. 207 – 208).

Portanto, torna-se perceptível o quanto Pedro tem o *superego* aguçado, a forma como ele busca conciliar as adversidades que aparecem durante a trajetória deles no país mágico, a superproteção dos irmãos, a autocobrança. Dessa forma, no trecho abaixo, mostra quando Pedro, apesar de saber que o irmão acabou de traí-los, aquele ainda tenta encontrar um meio de salvar o irmão de sua própria ambição:

- Então, prestem atenção: ele já esteve aqui com a Feiticeira Branca; está do lado dela; sabe muito bem onde ela mora. É triste dizer-lhes isso, porque, afinal de contas, é irmão de vocês, mas foi só olhar para ele e disse cá comigo: “Este é um traidor.” Tinha todo ar de já ter encontrado a feiticeira e comido dos seus manjares encantados. Quem vive há muito tempo em Nárnia não se engana: dá logo com eles. Nós os conhecemos pelos olhos.
- Seja lá como for – disse Pedro, numa voz um tanto sufocada -, temos de ir atrás dele. Afinal, é nosso irmão, um pouco imbecil e mau, mas irmão. E, pensando bem, não passa de uma criança (Lewis, 2009, p. 140).

Além disso, é possível observar elementos do complexo de Édipo na dinâmica de Pedro com seus irmãos, especialmente com relação a Lúcia. Sua atitude protetora em relação a ela pode ser interpretada como uma manifestação

desse complexo, representando um desejo de ocupar o papel de figura paterna em seu mundo. Nesse viés, de acordo com Garcia Roza:

Para muitos autores, o Édipo, enquanto drama individual, ganharia sua inteligibilidade com a simples transposição da concepção antropológica da interdição do incesto para o plano psicanalítico. Assim sendo, o complexo Édipo nada mais seria do que a inscrição a nível do indivíduo daquilo que é constituinte do social. Ocorre, porém, que os dois interditos não são idênticos. Enquanto a interdição do incesto é uma regra que diz respeito às alianças e às trocas no interior do grupo social, o complexo e Édipo diz respeito ao desejo. O que a regra exogamia impõe é uma restrição a que se estabeleçam alianças no interior da família biológica; seu objetivo é garantir a sobrevivência do grupo (Garcia Roza, 2009, 216 – 217).

Na análise sob a estrutura da jornada do herói, Pedro experimenta os estágios típicos desse arco narrativo. Ele é chamado à aventura quando entra no guarda-roupa e descobre Nárnia. A partir desse ponto, ele enfrenta uma série de desafios e provações ao liderar seus irmãos na resistência contra a Feiticeira Branca, representando a fase de iniciação da jornada do herói. Essa jornada o leva a desenvolver suas habilidades, aprofundar sua compreensão de si mesmo e a enfrentar seus medos.

Finalmente, no retorno ao mundo real, ao princípio de realidade, Pedro e seus irmãos trazem consigo as lições e experiências adquiridas em Nárnia, simbolizando a fase de retorno da jornada do herói, aonde eles retornam transformados e com um novo entendimento do mundo e de si mesmos.

Em síntese, a análise de Pedro à luz da teoria psicanalítica de Freud e da jornada do herói destaca as complexidades de sua personalidade e as dinâmicas psicológicas subjacentes à sua evolução na narrativa. Essas duas perspectivas fornecem uma compreensão mais profunda do personagem e de sua jornada emocional e psicológica ao longo da história.

Nas obras desses narradores, uma característica nos chama a atenção sobretudo: todas têm um herói que é o centro do interesse, para o qual o autor busca granjear nossa simpatia por todos os meios e que parece proteger com uma providência especial. Se, no final de um capítulo, o herói está inconsciente, sangrando de sérias feridas, no início do próximo nós o encontraremos bem cuidado e a caminho do restabelecimento, e se o primeiro volume termina com o naufrágio, numa tempestade, do navio em que se acha o herói, no começo do segundo volume nós seremos informados de sua milagrosa salvação, sem a qual o romance não teria prosseguimento. O sentimento de segurança com que acompanhamos o herói através de suas perigosas vicissitudes é o mesmo com que um herói real se joga na água para salvar alguém que se afoga, ou se expõe ao fogo inimigo para atacar uma bateria; é o verdadeiro sentimento de herói, que um de nossos melhores escritores expressou magnificamente: “Nada pode te acontecer” (Anzengruber). Mas acho que nessa reveladora característica da invulnerabilidade reconhecemos, sem maior esforço, Sua Majestade o Eu, o

herói de todos os devaneios e de todos os romances; (Freud, 2015, p. 333 – 334).

Portanto, a análise da jornada de Pedro em *As Crônicas de Nárnia* (2009) não apenas ressoa com os princípios da Jornada do Herói, mas também oferece uma perspectiva enriquecedora sob o prisma das teorias de Sigmund Freud. A transformação do personagem e a superação de desafios em Nárnia podem ser interpretadas como uma jornada simbólica em direção à autorrealização e à compreensão mais profunda da psique humana. Essa abordagem multifacetada amplia nossa compreensão da narrativa e do caráter de Pedro Pevensie.

Dessa forma, Bruno Bettelheim (2007) explora a importância dos contos de fadas na infância, argumentando que essas histórias desempenham um papel crucial no desenvolvimento emocional e psicológico das crianças. Ele sugere que os contos de fadas não são apenas entretenimento, mas ferramentas poderosas para ajudar as crianças a enfrentar seus medos e ansiedades, compreender suas emoções e desenvolver um senso de identidade. Além disso, ele destaca como os contos de fadas oferecem um espaço seguro para as crianças explorarem seus desejos, conflitos internos e fantasias. Ele acredita que os contos de fadas proporcionam às crianças um meio de lidar simbolicamente com seus medos e ansiedades. Ao enfrentar monstros, bruxas e desafios nas histórias, as crianças podem externalizar suas próprias lutas internas e encontrar maneiras de superar obstáculos imaginários.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho que teve por tema *Entrando no guarda-roupa da psicanálise e saindo em terras narnianas: uma análise sobre o desenvolvimento da infância através da obra As Crônicas de Nárnia (2009)*, nos proporcionou uma nova visão acerca dos livros infantis escritos por Clive Stample Lewis. Analisamos em específico o segundo livro da série, *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa (2009)*, através da teoria psicanalítica de Sigmund Freud, buscamos entender e desvendar os personagens principais através do que foi escrito acerca deles.

Inicialmente, analisamos a jornada dos personagens principais através do guarda-roupa mágico, que simboliza o inconsciente, termo dado por Freud a uma das partes do aparelho psíquico. Observamos como essa jornada representa uma metáfora da busca pela identidade e compreensão das complexidades da psique humana. O conflito entre a razão e a imaginação, personificado na figura de Aslam, é particularmente relevante para a compreensão do desenvolvimento infantil, uma vez que as crianças muitas vezes se debatem entre esses dois aspectos.

Além disso, a análise dos personagens secundários, como o Sr. Tumnus e a Feiticeira Branca, nos permitiu investigar as influências externas sobre o desenvolvimento infantil. Eles representam a importância dos mentores e guias na vida das crianças, que desempenham um papel fundamental na formação de valores e na orientação moral.

A obra também destaca a importância da empatia e do entendimento das diferentes perspectivas, o que é essencial para o crescimento emocional das crianças. Através dos conflitos enfrentados pelos personagens, vemos como a resolução de conflitos e a compreensão mútua são valores importantes a serem transmitidos às crianças.

Em suma, o trabalho, *Entrando no guarda-roupa da psicanálise e saindo em terras narnianas: uma análise sobre o desenvolvimento da infância através da obra As Crônicas de Nárnia (2009)*, nos revela que esses livros não são apenas uma história de fantasia encantadora, mas também uma rica fonte de *insights* sobre o desenvolvimento infantil e a psique humana. Através da teoria psicanalítica de Sigmund Freud, fica perceptível que os personagens fictícios da trama passam por desafios da vida real, essa perspectiva de identificação influencia e auxilia no desenvolvimento infantil, os mesmos, aprendem na fantasia sobreviver na realidade.

Ao fecharmos as páginas deste encantado tratado sobre a psicanálise através do portal secreto do guarda-roupa, emergimos em terras resplandecentes de Nárnia, onde os fios do desenvolvimento infantil se entrelaçam com os contornos mágicos da imaginação. Nesta jornada de análise de *As Crônicas de Nárnia* (2009), desvendamos não apenas uma trama sedutora, mas um caldeirão de simbolismos que lança luz sobre os mistérios da infância.

Os arquétipos dançam em harmonia com os símbolos, enquanto os personagens principais atravessam os véus de suas próprias psiques. O guarda-roupa, mágico por si só, serve como um elo entre as profundezas da psicanálise e os horizontes sem fim de Nárnia, representando não apenas um móvel, mas um portal para os reinos secretos do crescimento e autodescoberta.

Ao desvelar os elementos psicanalíticos entrelaçados nas páginas de Lewis, testemunhamos a jornada de individuação de nossos heróis e heroínas, enfrentando sombras e desafios que ecoam nas câmaras da mente infantil. A magia, tanto na forma do guarda-roupa quanto nas criaturas místicas de Nárnia, tece-se nas linhas do desenvolvimento, transformando a jornada em uma tapeçaria única de experiências e aprendizados.

A intertextualidade entre a psicanálise e Nárnia revela-se como um encantamento literário, proporcionando aos pequenos exploradores cognitivos ferramentas mágicas para enfrentar as encruzilhadas da vida. A fusão entre a realidade e a fantasia cria um caleidoscópio de possibilidades, onde a mente infantil, como uma varinha de condão, molda sua compreensão do mundo ao redor.

Assim, este estudo não apenas desvela os mistérios da psicanálise e da narrativa fantástica, mas também destaca a magia intrínseca à literatura infantil como um espelho das verdades universais do crescimento humano. Ao cruzarmos a ponte entre disciplinas aparentemente divergentes, encontramos um reino unificado onde a teoria psicanalítica e as histórias encantadas dançam em conjunto, proporcionando um vislumbre deslumbrante da essência mágica da infância.

Ao encerrarmos esta encantadora exploração, carregamos conosco não apenas conhecimento, mas a sensação renovada de que, por meio da magia das palavras, podemos desbravar terras desconhecidas e, como verdadeiros aventureiros, moldar nossa própria jornada de crescimento e descoberta. Que a luz de Nárnia continue a brilhar em nossos corações, iluminando o caminho para as futuras aventuras que aguardam nossas mentes curiosas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13. ed. reform. e ampl. São Paulo: Saraiva, 368 p. ISBN: 8502029002, 2004.

COELHO, N. N. **O Conto de fadas: símbolos, mitos e arquétipos**. São Paulo: Paulinas, 2008.

CORSO, D. L., & Corso, M. **A Psicanálise na Terra do Nunca: ensaios sobre a fantasia**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CORSO, D. L., & Corso, M. **Fadas no divã: Psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DA ROSA, N. C. D. F., Jr. **Lacan com Hamlet e Alguns Outros**. [s.l.] Editora Escuta; 1ª edição, 2022.

DIECKMANN, H. **Contos de fada vividos**. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

FACCHIN, F. M. M. “Era uma vez...”: a importância da fantasia para o desenvolvimento psíquico. **Analytica**, v. 8, n. 14, p. 10, janeiro/junho de 2019.

FREUD, S. (1924) A dissolução do complexo de Édipo. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1900). **A Interpretação de Sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

FREUD, S. (1913/2006). A ocorrência, em sonhos, de material oriundo de contos de fadas. In **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud** (Vol. 12). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1920) Além do princípio de prazer. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1909). Análise de uma fobia em um menino de cinco anos. In **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1940 [1938]) Esboço de psicanálise. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1908/2006). Escritores criativos e devaneio. In **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud** (Vol 9). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. v. 10. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

FREUD, S. (1905 [1901]) Fragmento da análise de um caso de histeria. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1909) Notas sobre um caso de neurose obsessiva. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, vol. X. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1923) O ego e o id. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, vol. XIX. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1915). O Inconsciente. In: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. v. 2. Rio de Janeiro: Imago, p. 13-74, 2006.

FREUD, S. (1915) Reflexões para os tempos de guerra e morte. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1914) Sobre o narcisismo: uma introdução. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1913 [1912-13]) Totem e tabu. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. (1905) Três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade. **Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud**, vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o Inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

GARCIA-ROZA, L. A. (1990) **O mal radical em Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., (4ª edição), 1999.

GAY, P. – **Freud: uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

JONES, E. **A Vida e a Obra de Sigmund Freud: Os Anos de Formação e as Grandes Descobertas (Volume 1)**. [s.l.] Imago Editora; 1999.

JEANS, G. In G. Radino. **Contos de fadas e a realidade psíquica, a importância da fantasia no desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

KEHL, M. R. A criança e seus narradores. In Corso & Corso. **Fadas no divã: Psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LACAN, J. **O Seminário, Livro 5: As Formações do Inconsciente (1957-1958)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1999.

LAPLANCHE, J. **Vida e Morte em Psicanálise**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda, 1985.

LEWIS, C. S. **As Crônicas de Nárnia: O leão, a feiticeira e o guarda-roupa**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

NASIO J. D. **A fantasia (o prazer de ler Lacan)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

ROUDINESCO, E, PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

SHAKESPEARE, W. **Hamlet**. [s.l.] Editora Lafonte; 1ª edição, 2020.